

UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO - UFMA
CENTRO UNIVERSITÁRIO DE GRAJAU – CAMPUS VI
CURSO DE LICENCIATURA EM CIÊNCIAS HUMANAS

MARCOS ALVES BISPO

A EDUCAÇÃO À LUZ DE SANTO AGOSTINHO

Grajaú – MA

2019

MARCOS ALVES BISPO

A EDUCAÇÃO À LUZ DE SANTO AGOSTINHO

Trabalho de Conclusão de Curso – Artigo Científico -
apresentado como pré-requisito para a obtenção do
título do Curso de Licenciatura em Ciências Humanas,
da Universidade Federal do Maranhão - UFMA.

Orientador: Prof. Ms. Francisco Vale Lima

Grajaú – MA

2019

A EDUCAÇÃO À LUZ DE SANTO AGOSTINHO

Trabalho de Conclusão de Curso – Artigo Científico -
apresentado ao Departamento do curso de licenciatura
em ciências humanas de Grajaú da Universidade
Federal do Maranhão- UFMA Grajaú, como exigência
para obtenção de grau em licenciatura.

Aprovada em: ____/____/____

Nota: _____

BANCA EXAMINADORA

Prof. Ms. Francisco Vale Lima (Orientador)

Professor de Filosofia do Curso de
Licenciatura em Ciências Humanas da
Universidade Federal do Maranhão- UFMA

1º Examinador

2º Examinador

A EDUCAÇÃO À LUZ DE SANTO AGOSTINHO

Marcos Alves Bispo
Francisco Vale Lima

RESUMO: Partindo do objetivo principal de entender quais as contribuições do pensamento de Santo Agostinho para a educação na atualidade, o presente trabalho se preocupou em construir um panorama que contemplou aspectos históricos da biografia do autor, de sua produção e de suas principais teses. Inicialmente se observa que o contexto em que viveu Santo Agostinho era de grande mudança cultural, social e política, com a decadência do Império Romano e Ascensão da Igreja Católica. Essa realidade de mudança de paradigma onde a hegemonia cristã passou a se fortalecer impactou diretamente o pensamento agostiniano que, durante toda a sua vida, esteve em reflexão sobre Deus e sobre a relação dos homens com a transcendentalidade. Conclui-se que a atualidade de Santo Agostinho é expressa de maneira mais viva e urgente na relação da educação com o mundo que a cerca, sobretudo sobre seus objetivos. Observa-se que a educação tem sido instrumento de disputas no campo do progresso material para o homem há muito tempo. Esse cenário tem atingido níveis extremamente preocupantes, com o aumento da concentração de renda e da pobreza. Tal reflexão encontra total ligação com a obra de autores contemporâneos como Edgar Morin, ao defender os mesmos valores universais como a solidariedade, a empatia, o amor, o respeito e a autorreflexão como saberes necessários para a educação em nossos dias. Para além da materialidade e da educação como parte de uma engrenagem econômica, a escola deve servir para possibilitar aos homens que se tornem indivíduos conscientes, tolerantes, éticos e solidários. Essa conclusão também se direciona para o comportamento dos educadores, que devem vivenciar esses valores em sala de aula. Dessa forma, eles poderão ser realmente internalizados.

Palavras-chave: Educação. Santo Agostinho. Afetividade.

ABSTRACT: Starting from the main objective of understanding the contributions of Augustine thought to education in the present time, this work was concerned with constructing a panorama that contemplated historical aspects, the author's biography, his production and his main theses. Initially it is observed that the context in which Augustine lived was of great cultural, social and political change, with the decay of the Roman Empire and the Ascension of the Catholic Church. This reality of a paradigm where Christian hegemony began to strengthen, directly impacted Augustinian thinking, which throughout his life was in reflection on God and on the relationship of men with transcendentality. It is concluded that the actuality of St. Augustine is expressed more vividly and urgently in the relationship of education with the world around it, especially over its objectives. It is observed that education has been an instrument of disputes as a field of material progress for man for a long time. This scenario has reached extremely worrying levels, with increased concentration of income and poverty. This reflection finds complete connection with the work of contemporary authors such as Edgar Morin, in defending the same universal values as solidarity, empathy, love, respect and self-reflection as the knowledge necessary for education in our day. Beyond materiality and education as part of an economic cogeneration, the school must serve to enable men to become conscious, tolerant, ethical and supportive individuals. This conclusion is also directed toward the behavior of educators, who must experience these values in the classroom. This way they can be really internalized.

Keywords: Education. Augustine. Affectivity.

1 INTRODUÇÃO

A história da educação é marcada por grandes contribuições de diversas personalidades. Essas contribuições se originam de áreas do conhecimento como psicologia, sociologia, filosofia, teologia e seus campos correlatos. Conhecer esses pensadores possibilita uma leitura mais interdisciplinar dos processos educativos, ao mesmo tempo em que reconstrói a própria história da humanidade.

Entre esses grandes pensadores, destaca-se Agostinho de Hipona, mais conhecido como Santo Agostinho. Sua obra, essencial no desenvolvimento do cristianismo e de toda a filosofia no ocidente, é um dos pilares que fundamentam a educação. Tendo vivido entre os anos de 354 e 430 depois de Cristo, sua biografia mostra um homem inquieto intelectualmente, que transitou por diversos caminhos para encontrar sua própria identidade, construindo noções de ser humano, religiosidade e educação que, são estudadas até hoje (GILSON, 2006). Dessa forma, o tema do presente trabalho são as contribuições do pensamento de Santo Agostinho para a Educação.

Justifica-se o interesse pelo tema na necessidade de aprofundamento nas teorias que podem ajudar a apontar caminhos de entendimento das questões pedagógicas sob um olhar mais humano, que considere a afetividade como um dos pilares da formação de sujeitos íntegros. Além disso, a necessidade de aprofundamento dos educadores em aspectos da filosofia da educação, onde a obra agostiniana tem grande impacto, tornam o tema atual e necessário no campo acadêmico.

O objetivo principal do trabalho consiste em entender quais as contribuições do pensamento de Santo Agostinho para a educação na atualidade. Os objetivos específicos são: apresentar a vida e a obra do pensador; apresentar as suas principais teses; e discutir a atualidade do autor, tendo sempre a educação como escape.

A metodologia utilizada é baseada em pesquisa qualitativa, a partir de revisão bibliográfica. Além da consulta a obras de Santo Agostinho, principalmente o livro *Confissões* e *O Mestre*, foram utilizadas obras que comentam a relação do autor com a educação, de forma a enriquecer as argumentações.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 A Vida de Santo Agostinho

As obras e o pensamento de Santo Agostinho foram essencialmente influenciados por sua vida e experiências, em um processo de síntese e articulação notável. Nesse sentido é possível notar mudanças no rumo do pensamento agostiniano através dessas épocas de vida.

Aurelius Augustinus nasceu em 354 d.C em Tagaste, atual Argélia, filho de mãe cristã praticante e de um pequeno proprietário rural pagão (PEREIRA MELO, 2002). Não existem relatos de sua infância, apenas as reflexões do livro *Confissões* baseadas no olhar do autor. No livro, Agostinho apresenta a infância como uma fase de satisfação dos desejos e impulsos naturais, colocando as crianças desde cedo frente ao pecado. Além disso, a aprendizagem da fala é apresentada como algo apreendido de forma espontânea pela criança, a partir do contato com outros falantes.

Na época de estudante, ainda na cidade natal, recebeu as primeiras lições com certo descontentamento, por não perceber a utilidade e não entender os métodos utilizados pelos mestres:

Ó Deus, meu Deus, que sofrimentos e desilusões padeci, quando ao menino que eu era propunham que o ideal da vida era obedecer aos mestres para prosperar neste mundo, para granjear, com a arte da palavra, o prestígio dos homens e as falsas riquezas! Fui enviado à escola para aprender as primeiras letras. Para minha infelicidade, não entendi a utilidade desse trabalho; mas, se me mostrava preguiçoso, era castigado a vara (AGOSTINHO, 2010, I, 9, 14).

Com formação de matriz literária e muito estabelecida a partir da língua latina, Agostinho também teve aulas de grego (SOUZA, 2013). A formação essencialmente baseada na valorização da linguagem e busca por bons oradores em desprestígio da formação moral, são aspectos criticados pelo autor nas reflexões sobre sua vida de estudante em *Confissões*. O autor também faz a autocrítica em relação ao que ele chama de desperdício de tempo em coisas inferiores e pecaminosas que o afastavam de Deus.

Aos 17 anos Santo Agostinho foi terminar sua fase de estudos em Cartago, concluindo aos 19. Nesse período entrou em contato com o livro *Hortensius*, de Cícero, o que lhe possibilitou grande mudança, segundo o relato do próprio autor. Essa mudança deu-se, sobretudo, pelo interesse pela filosofia e o levou a buscar pela verdadeira sabedoria, estudando a bíblia sem, contudo, naquela época considerá-la adequada às suas necessidades.

Aos 19 anos, com a morte do pai, Agostinho precisou assumir a responsabilidade pela família, tendo então se fixado na profissão de professor em diversas cidades, exercendo tal ofício até sua conversão (SOLIMEO, 2009). Nesse período, continuou seus estudos em busca da sabedoria, tendo contato com outras doutrinas além da cristã, como o maniqueísmo, o ceticismo e o neoplatonismo.

Em relação ao maniqueísmo, que teve mais contato, afastou-se por não encontrar todas as respostas aos questionamentos que possuía, principalmente por não acreditar em uma substância espiritual originalmente má. Apesar disso, permaneceu em suas concepções a questão da dualidade entre o bem e o mal.

O contato com o Bispo Ambrósio e seus sermões foi fundamental para aproximar novamente Agostinho da doutrina cristã, uma vez que este apresentava respostas a muitos de seus questionamentos (FERNANDES, 2007). Nessa transição, o filósofo se aproximou do chamado ceticismo acadêmico, que defendia a impossibilidade da chegada do homem à sabedoria, tendo logo o abandonado pela visível ausência de Deus nesse universo de discussões e teorias.

A influência neoplatonista foi decisiva para a conversão de Agostinho ao cristianismo. Isso se dá pela possibilidade de tal doutrina em construir uma Teologia Cristã baseada na ligação e continuidade entre o corpo e a alma (SOLIMEO, 2009). Foram esses contatos que o levaram novamente à leitura da Bíblia, agora com um olhar mais maduro.

O contato com o Bispo Ambrósio e os neoplatônicos, juntamente com as epístolas de Paulo de Tarso, segundo relato de Santo Agostinho em *Confissões*, além do seu amadurecimento levaram-no à sua conversão e posterior batismo em 387 d. C. Em 395 foi ordenado bispo de Hipona. Nessa cidade pôde observar de perto em seu dia-a-dia de sacerdote os costumes e problemas locais e teológicos, um farto material para sua produção intelectual. Faleceu em 430 deixando grandes obras a disposição da sociedade, um acervo imprescindível para o entendimento da humanidade de forma atemporal.

2.2 A Obra de Santo Agostinho

Para abordar a obra de Santo Agostinho relacionada à educação é fundamental que se contextualize sua produção dentro do ambiente social, político e cultural a que estava submetida. O filósofo viveu em uma época em que, ao mesmo tempo, o Império Romano enfrentava grandes mudanças em seu paradigma de controle, com perda de parte de seu poder, e a Igreja Cristã se fortalecia nesse contexto de mudanças profundas (GILSON, 2006). A crise

no governo civil permitiu que a Igreja fosse substituindo as normas que regiam as relações entre os diversos entes daquela sociedade.

Essa mudança de controle social foi desencadeadora de um novo ideal de educação a ser perseguido, tendo como objetivo a formação de homens cristãos. Nesse sentido, a educação como legitimadora de um modelo de sociedade cristã sofreu profundas mudanças, também acompanhadas de uma verdadeira revolução cultural e social.

O homem cristão defendido pela Igreja era antes de tudo muito diferente dos padrões da época. Questões como igualdade, solidariedade, humildade, amor universal, dedicação, castidade e pobreza passaram a ser veiculadas como novos paradigmas, o que afetou também as relações familiares, de trabalho e políticas.

Para que esses novos elementos pudessem ser disseminados e internalizados, os Padres da Igreja Católica tiveram papel fundamental, organizando a doutrina e sistematizando sua transmissão (SOUZA, 2013). Santo Agostinho, sem dúvida foi o principal expoente dessa missão, com o mérito de elaborar uma proposta de formação para os indivíduos daquela época baseada nos pensamentos cristãos acumulados, tornando-os assim hegemônicos em todos os campos.

A relevância do pensamento agostiniano superou a sua morte e até hoje ajuda a pautar as discussões sobre educação e sobre a construção do ideal de indivíduo a ser formado, não só dentro da pedagogia cristã. Isso se deve ao fato de que os valores abordados pelo filósofo são atemporais, como o amor, a verdade e a felicidade.

A pedido de religiosos de seu convívio por volta de 405 d. C, Agostinho escreveu *A Instrução dos Catecúmenos: teoria e prática da Catequese*. O livro foi idealizado para responder às dificuldades enfrentadas pelos catequizadores ao realizar as instruções necessárias antes do batismo dos chamados homens rudes. Sendo um tratado didático, a obra busca organizar a imersão necessária para a formação de fé cristã.

Escrito pouco tempo depois de sua conversão ao cristianismo, o livro *O Livre-Arbítrio* busca entender de onde surge o chamado mal moral, afastando a ideia de que Deus poderia ser responsável ou estar relacionado com esse mal. Agostinho defende que o homem, dentro de seu livre arbítrio, é que por sua vontade se coloca na condição pecadora, afastando-se de Deus. Para a construção da obra são fundamentais as reflexões sobre a maldade, o pecado e o conhecimento além da ideia de livre-arbítrio.

No livro *O Mestre*, Agostinho apresenta um diálogo consistente entre ele e o filho, buscando entender o papel de quem ensina e de quem aprende no processo de aprendizagem.

Com grande foco na linguagem, utilizada para a comunicação, o autor se debruça em descrever como os discípulos aprendem, abordando questões interiores e metafóricas.

Outro conceito importante é que a fé, a ser fundamentada pela razão, deveria levar os indivíduos a uma conduta que lhes permitisse alcançar o verdadeiro conhecimento. Essa conduta estaria afastada da materialidade e corporalidade, e seria uma espécie de peregrinação do homem exterior para o interior, levando à felicidade proporcionada por Deus.

Assim, o mestre interior é representado pelo próprio Deus, sendo o responsável pelo acesso dos indivíduos ao conhecimento. Aos mestres humanos, como os professores, caberia a função nobre de auxiliar os homens nessa jornada de autodescoberta.

Nesse contexto, Deus seria entendido como *a Verdade*, e sua busca levaria ao verdadeiro conhecimento. Esse conhecimento das chamadas verdades eternas, só seria alcançado na interioridade dos indivíduos, sendo necessária a busca interior e a reflexão.

Um dos livros mais conhecidos de Santo Agostinho é *Confissões*. A obra aborda uma narrativa que se estende da infância à idade adulta do filósofo, e que além do conteúdo biográfico traz reflexões sobre a busca do homem em direção a Deus. No livro, Agostinho que já atuava como bispo da Igreja Cristã, estava totalmente mergulhado na doutrina a que fazia parte, e se apresentava como uma espécie de modelo de homem que buscava formar, mostrando em sua trajetória os erros e os acertos em sua busca por Deus, e alertando para os descaminhos que deveriam ser evitados pelos cristãos.

Para Santo Agostinho a condição do homem comum era de miséria, pelo fato de estar apegado a bens materiais e, sobretudo, por conta da condição humana, maculada pelo pecado original. O homem, uma vez manchado pelo pecado original tem seu *eu* incapacitado de decidir livremente, isto porque sua vontade interior se vê regulada por essa força que do exterior a corrompe. Por isso, essa vontade precisa da graça de Deus para que o sujeito possa orientar seu querer segundo a vontade divina, originando assim o conceito de livre-arbítrio. O filósofo defendia então a contemplação divina como forma de se aproximar de Deus e consequentemente da felicidade.

2.3 Principais Teses do Pensamento Agostiniano

2.3.1 Deus Como Sumo Bem

É importante destacar que o pensamento agostiniano possui em sua centralidade e fundamento Deus (FERNANDES, 2007). No seu entendimento Deus representa a bondade, a

sabedoria e a eternidade. Também são atributos *Ser Supremo*, *Verdade Absoluta* e *Bem Maior*.

A noção de Ser Supremo estabelece que Deus é o criador de todas as coisas e todas as criaturas. Já a noção de Verdade Absoluta está ligada a Deus como luz que ilumina os homens com o conhecimento. Por fim, como Bem Maior Deus representa a felicidade buscada pelos homens. Apesar dessas definições, Agostinho deixa clara a impossibilidade de expressar em simples palavras as características de Deus, devido a sua transcendência.

Outra noção importante é de eternidade e imutabilidade de Deus, diferentemente de todas as coisas e seres, que são passageiros e mutáveis (SOLIMEO, 2009). Essa imutabilidade é argumento para construir a tese de Deus como Verdade Absoluta, que supera o pensamento humano, embora esteja presente dentro de cada ser humano.

A Verdade Absoluta também se manifesta na constatação agostiniana de Deus sendo o criador de todas as coisas:

Interroguei o conjunto do universo acerca do meu Deus e ele respondeu-me: ‘Não sou eu, mas foi ele mesmo que me fez’. Interroguei a terra e ela disse: ‘Não sou eu’; e todas as coisas que nela existem responderam-me o mesmo. Interroguei o mar, e os abismos, e os seres vivos que rastejam, e eles responderam-me: ‘Não somos o teu Deus; procura acima de nós’. Interroguei as brisas que sopram, e o ar todo com os seus habitantes disse-me: ‘Anaxímenes está enganado; eu não sou Deus’. Interroguei o céu, o sol, a lua, as estrelas, e dizem-me: ‘Nós também não somos o Deus que tu procuras’. E disse a todas as coisas que rodeiam as portas da minha carne: ‘Falai-me do meu Deus, já que não sois vós, dizei-me alguma coisa a seu respeito’. E elas exclamaram, com voz forte: ‘Foi ele que nos fez’. (AGOSTINHO, 2017, p51).

Sendo Deus o Sumo Bem e Criador de todas as coisas, vem daí a impossibilidade Dele ter criado o mal. Apesar disso, respeitada a limitação das criaturas, elas estão sujeitas aos desvios, que os levam a privação do bem. Nesse sentido, o mal não é uma coisa, mas a ausência do bem.

2.3.2 Concepções de Corpo e Alma

Essa corrupção descrita por Santo Agostinho está ligada ao corpo, e suas diversas portas de contato com o mundo e seus desvios. Ao ceder às corrupções mundanas, o homem afasta-se da interioridade divina e, conseqüentemente, de Deus e de Sua sabedoria (FERNANDES, 2007).

Em sua composição, o homem é formado por corpo e alma. Agostinho atribui à alma a superioridade em relação ao corpo, só sendo possível que o homem se aproxime de

Deus pelo domínio da alma sobre o corpo, em uma espécie de vivificação. O corpo é mutável e suscetível ao tempo e espaço, enquanto a alma é transcendente, racional e superior. São essas características da alma que possibilitam que os homens tenham a possibilidade de chegar à felicidade, em um processo de espiritualização do corpo.

A alma está presente em todas as ações e partes do corpo, como uma força vital, sem a qual o corpo não se sustentaria. Apesar disso, a alma possui independência em relação ao corpo e representa a perfeição, já que está conectada com Deus e é imortal (SOLIMEO, 2009).

É importante destacar que, apesar de sua inferioridade em relação à alma, o corpo não é uma coisa má, já que também foi criado por Deus. Sua situação de inferioridade reside na condição de estar suscetível à materialidade do mundo em forma de tentações, sofrimento, fome, frio etc.

Essa concepção é importante para a educação, uma vez que para Santo Agostinho é por meio dela que o homem pode afastar-se da materialidade do mundo e caminhar na direção da felicidade proporcionada por Deus. Nesse sentido a educação já é, em si, um ato humano iluminado pela graça divina, uma vez que possibilita aos homens viverem mais próximos desse caminho, sendo educados para isso.

2.3.3 Concepções Sobre o Homem

A noção de miserabilidade do homem é introduzida por Santo Agostinho para descrever a situação que se encontravam aqueles que viviam em seu tempo, em grande parte pela situação de desordem e ruptura social e cultural. (FERNANDES, 2007). Para se distanciar dessa miserabilidade era necessário se afastar também da materialidade do corpo, apontando para dentro de si e buscando cada vez mais sua alma. Ou seja, a educação agostiniana buscava superar a miséria humana pela valorização do eu interior dos homens.

Baseando-se nas escrituras, Agostinho afirma que os homens são bons, já que foram criados por e à semelhança de Deus. Apesar de bons, foram corrompidos já no início dos tempos pelo pecado original, fruto de suas escolhas e vontades, levando-os a degradação. Tal degradação só pode ser superada a partir de duas etapas: a da graça divina e a da vivência dessa graça. A primeira etapa, da graça de Deus, é a mais importante uma vez que sem ela o homem nada pode fazer.

A segunda etapa, da vivência dessa graça concedida, diz respeito à forma como os homens podem viver uma vida de correição ou uma vida desregrada, sendo a educação

fundamental para que essa retidão seja o caminho trilhado. É importante destacar que essa concepção de homem é diretamente ligada a autorreflexão de Agostinho em relação a sua vida antes da conversão. Essa realidade é abordada em muitos momentos de *Confissões*.

Em relação às demais criaturas, Agostinho defende que o homem, mesmo na sua mediocridade, é superior a elas, uma vez que possui atributos de distinção, que são o ser, o viver e o compreender. Os animais, por exemplo, não conseguem compreender. Já as coisas materiais, além de não compreender também não vivem. Para o autor, a razão é o que de mais elevado o homem possui, e o que o torna superior às outras criaturas.

A razão é o que possibilita aos homens a busca pela felicidade, sua aspiração a conectar-se com Deus. Para isso, sua razão deveria direcioná-lo para dentro de si, onde está o conhecimento de Deus, ou o verdadeiro conhecimento.

2.3.4 O Problema da Verdade

Buscando entender de forma racional o conhecimento e a verdade, após sua conversão, Santo Agostinho elaborou o conhecimento em dois tipos, sendo o das coisas relativas aos sentidos e as inteligíveis (FERNANDES, 2007). Para o filósofo, os conhecimentos sensíveis estariam disponíveis aos homens através dos sentidos e permaneceriam armazenados e organizados em sua memória. Esse processo se daria desde o nascimento e seria mediado pela alma, que daria origem às sensações.

Sendo a alma responsável por elaborar a experiência do homem com o mundo, transformando o que apreendem os sentidos em sensações, Agostinho acredita que essa tarefa cotidiana pode esgotá-la ou mesmo contentá-la apenas com o que é material, afastando-se de seu interior e fixando-se no exterior (SOLIMEO, 2009). Por esse motivo, os conhecimentos sensíveis não são considerados por Agostinho como verdadeiros, uma vez que se baseiam nas impressões do mundo exterior, em si mutável e provisório.

Em contrapartida, o conhecimento inteligível baseia-se na universalidade e na estabilidade, como os princípios da ética e da matemática. Esses conhecimentos estariam disponíveis a todos em nosso interior, mas que emergiriam apenas quando estimulados ou exigidos. Nesse sentido, Agostinho defende que os conhecimentos inteligíveis são inatos e sendo o conhecimento verdadeiro, estão ligados a Deus, podendo ser descobertos pela razão.

Ainda sobre a razão, a obra agostiniana busca distingui-la em inferior e superior. A inferior, também chamada de ciência, dedica-se a conhecer o mundo do corpo e das sensações, enquanto a superior, chamada de sabedoria, volta-se para o conhecimento do

mundo interior e espiritual. Para o autor, o processo educativo deveria levar os homens a voltar-se para a alma, onde estava o verdadeiro conhecimento.

Assim, a educação deveria possibilitar aos homens a mudança efetiva que fosse baseada na doutrina cristã, ou seja, a busca pela santificação e conseqüente felicidade.

2.3.5 A Formação do Homem para a Beatitude

Para a filosofia agostiniana, a busca por Deus em sua alma era o único caminho para se encontrar a felicidade. Esse caminho de contemplação divina em busca da sabedoria ou da verdade divina era o que se esperava do homem cristão. Para que fosse possível trilhá-lo, Agostinho construiu uma proposta formativa a ser utilizada pelos homens, na qual abandona a ideia de que era a filosofia que levava à felicidade, a qual acreditava antes de sua conversão (FERNANDES, 2007).

É importante destacar a diferença entre felicidade e momentos de prazer, sendo esse prazer extraído das coisas materiais e mundanas. Sendo provisórios são então falsas felicidades, que levariam o homem a um estado de infelicidade posterior. Esse conceito pode ser tanto resgatado em *O Livre-arbítrio*, como encontrado nas experiências pessoais de Agostinho em *Confissões*.

A inquietação do homem na busca interior por Deus e, conseqüentemente, da felicidade pode levá-lo à falsa sensação de ter atingido tal estado. Porém, Agostinho se convence de que a caminhada em busca de Deus só se completaria na esperança de uma vida eterna (PEREIRA MELO, 2002). Nesse sentido, a vida terrena seria uma preparação da alma na busca da verdade interior, a ser concretizada na eternidade. Assim, o homem desfrutaria de um estado de beatitude diante de Deus em sua vida eterna.

Esse percurso, que é marcado pela busca da sabedoria interior também deve ser pautado pelo amor a Deus, já que esse amor ao Sumo Bem é condição essencial para que se chegue à felicidade. Para Agostinho, assim se atinge a fruição de Deus ou a verdadeira felicidade em um estado de bem aventurança.

Para que isso seja possível, Agostinho acreditou que os homens deveriam ser preparados, elaborando assim uma proposta educativa da filosofia cristã que possibilitasse a preparação para a contemplação divina em outra vida.

2.4 Santo Agostinho e a Educação

2.4.1 A Educação como Mecanismo de Elevação dos Sujeitos

A proposta educacional agostiniana tem como seu principal direcionamento a aproximação com o eu interior e com a transcendência, afastando-se da materialidade esta última, força matriz da sociedade tanto na época em que o filósofo viveu quanto na época atual (FERNANDES, 2007). De fato, os homens têm se concentrado mais em “ter” do que em “ser” e essa realidade alimentada principalmente pelos modelos de desenvolvimento vigentes, sobretudo o capitalista, tornam um grande desafio a construção de uma educação voltada para o desenvolvimento afetivo e autorreflexivo.

Como visto anteriormente, a educação de uma determinada época é, ao mesmo tempo, motor e ferramenta de fixação na cultura e nos costumes dos indivíduos. Sendo a educação que possibilita a legitimação de determinada visão de mundo e de determinada doutrina, cristalizando nos indivíduos determinadas concepções que passam a vigorar, pode ser tanto entendida como um mecanismo de elevação dos sujeitos ou como um mecanismo para apequená-los.

Na atualidade, vive-se uma concepção de educação para o progresso material, ou mesmo para uma felicidade passageira baseada em posses. Como descreveu Santo Agostinho, essa confusão entre prazer e felicidade cega os homens na busca de sua transcendentalidade (PEREIRA MELO, 2002). O imediatismo observado nas crianças é um sinal de que sua educação, em casa e na escola, não consegue contribuir para um equilíbrio entre corpo e alma.

O filósofo defende que as crianças devem ser vistas como seres que já se aproximam do pecado, e estão sujeitas a ele pelo grande apego à corporeidade. Freud (1989), ao descrever as crianças também afirma que se encontram submersa pelas vontades do corpo e satisfação de desejos, sendo gradativamente conduzidas a um equilíbrio com mecanismos como o superego, nos quais os adultos têm papel fundamental.

A educação de Agostinho propõe-se à elevação dos sujeitos, permitindo o contato com os saberes e princípios fundamentais da sociedade e que os tornem aptos a alcançarem a transcendência (SOLIMEO, 2009). De fato, tais questões como amor, ética, respeito e solidariedade são urgentes e atuais na sociedade contemporânea.

Mas a educação Agostiniana não se detém apenas a esse aspecto, uma vez que também destaca a importância dos conhecimentos universais, como os da lógica, por

exemplo. Comuns a todos os homens, esses conhecimentos necessitariam ser lembrados, ou reconstruídos pelos homens, com a ajuda dos mestres, ou educadores, a partir da mediação.

2.4.2 A Importância da Linguagem

A proposta educativa agostiniana tem nos mestres terrenos os responsáveis por facilitar a jornada dos homens na busca pelo autoconhecimento, e pela aproximação da verdade divina. Sendo Deus o verdadeiro mestre, os educadores são instrumentos divinos de instrução dos homens na terra.

Nesse processo as palavras são a principal forma de comunicação entre mestres e discípulos. É no diálogo que o homem toma consciência das coisas e que percebe o mundo a sua volta (PEREIRA MELO, 2002). Note-se que a exemplo de outros filósofos, como Platão, Santo Agostinho recorria aos diálogos como forma de proporcionar a reflexão do outro, como se observa em *O Mestre*.

Para Agostinho, inclusive, a função principal da linguagem era justamente de ensinar ou recordar (SOLIMEO, 2009). De fato, tanto o homem aprende ou se recorda de algo na comunicação com o outro, quanto se recorda de algo ou chega à determinada conclusão em seus pensamentos mesmo estando só a partir da linguagem.

É na linguagem que o homem desenvolve seus mais abstratos pensamentos, que divaga sobre si e sobre a transcendentalidade. A própria noção cristã de que o Verbo se fez carne materializa essa relevância da linguagem como instrumento de elevação do homem em direção ao divino.

A relevância da linguagem no processo educativo pode ser abordada no sentido de possibilitarem a mediação. Para Agostinho, esse uso possuía a primazia em relação ao uso da linguagem apenas para a comunicação cotidiana entre os homens.

2.4.3 A Importância da Didática do Mestre

Apesar da importância fundamental da linguagem, um ponto muito importante na educação defendida por Santo Agostinho é que a comunicação utilizada seja inteligível ao discípulo. Isso significa uma crítica à escola de sua época e suas preleções sem sentido para os ouvintes.

Essa observação torna-se bem atual, principalmente nas discussões sobre o que motiva o aluno em sua aprendizagem ou mesmo sobre a didática a ser utilizada. O filósofo,

inclusive, chama a atenção para que o mestre olhe para o discípulo e perceba os sinais de que não está atribuindo a relevância do que está sendo ensinado.

É realmente difícil continuar falando até o fim proposto, quando não vemos comover-se o ouvinte! Constrangido pelo temor da religião, ou contido pelo respeito humano, receia talvez demonstrar, pela voz ou por qualquer movimento do corpo, a sua aprovação. Ou não entende – ou despreza! – o que se lhe diz (AGOSTINHO, 2010, I, 13, 18).

No livro *Instrução para os Catecúmenos*, Santo Agostinho usa a palavra “despertar” ao se referir ao trabalho do mestre na instrução dos discípulos. Essa tarefa, às vezes difícil, é uma das maiores habilidades para um professor, que ao conseguir chamar a atenção de um aluno para determinado tema, abre portas para que ele consiga avançar em sua aprendizagem.

Ao utilizar a noção agostiniana de que o mestre não ensina, mas facilita a aprendizagem, chega-se a um conceito extremamente atual de mediação do conhecimento, em oposição à visão de transmissão de saberes defendida por alguns educadores. Palavras como estimular e provocar também fazem parte da proposta educativa do autor.

De fato, outros autores como Freud (1989), também defendem que não existem mestres exteriores, e que cada um leva dentro de si o que lhe é verdadeiro. Tal conceito coloca a educação em uma posição de ajudar os homens a revelarem o que de melhor têm em si, principalmente no sentido do autoconhecimento.

A noção de aluno ativo e participativo também é relevante, uma vez que Agostinho chama a atenção para o fato de que nem sempre o conhecimento ou a ciência apresentada são de fato verdadeiros, e caberia aos discípulos aprenderem a confirmar o que aprenderam (SOLIMEO, 2009). Nesse sentido, o objetivo de “aprender a aprender” encontra respaldo na filosofia agostiniana.

Aliás, a inquietação diante do conhecimento deve ser estimulada a partir de perguntas constantes, colocando em cheque as certezas sobre o mundo e possibilitando que o aluno construa hipóteses e possa validá-las. Quando o aluno apresenta suas hipóteses sobre o mundo sensível, normalmente estas estão cercadas de certa ingenuidade a respeito das explicações e os questionamentos do mestre permitem que essa ingenuidade seja lapidada e as hipóteses complexificadas, dando origem a conhecimentos mais sofisticados.

A necessidade de aprendizagem constante dos mestres é fundamental para que consigam mediar a aprendizagem dos discípulos. Uma lição importante de Agostinho, é que embora já estejam em um estágio mais elevado, e por isso possam auxiliar na caminhada dos

discípulos, os mestres nunca alcançarão o estágio final da verdade, ou do conhecimento e, portanto, devem seguir em seu percurso de autoconhecimento (PEREIRA MELO, 2002). Essa constatação reforça a importância da formação continuada para os profissionais da educação.

Essa formação continuada deve contemplar os conhecimentos, mas não deve ser abandonada a busca por uma didática que possibilite mediações cada vez mais assertivas. Dessa forma, Agostinho valoriza não só o que se instrui, mas como se dá essa instrução.

Em relação à didática, chama a atenção a atualidade agostiniana do educador. Ele precisa entender em que nível de aprendizagem encontra-se o aluno, assim como seus interesses, para que só então possa preparar as mediações adequadas. Isso se torna importante, uma vez que dialoga com outros autores como Bruner e sua noção de centros de interesse, e Vygotsky com sua zona de desenvolvimento proximal.

A capacidade metodológica de transposição didática dos conteúdos também é abordada por Agostinho, ao tratar da necessidade de se adaptar o que se diz aos seus ouvintes, de maneira a despertar o interesse para a aprendizagem. A diferença entre os diversos públicos e os diversos indivíduos também deve ser respeitada, pois como afirma Agostinho em *A Instrução aos Catecúmenos*, “apesar de que a mesma caridade se deve a todos, a todos não se aplica o mesmo remédio.” (AGOSTINHO, 2005, II, 15, 23). Essa reflexão ampara as discussões atuais sobre o trabalho com as diferenças e a diversidade.

2.4.4 A Relação entre Beatitude e Educação Afetiva

A tarefa do mestre exige uma dedicação muito grande, se aproximando muito da noção de missão. Como tal, Agostinho constata que em muitos momentos pode tornar-se um fardo pesado, seja por dificuldades comuns à prática educativa ou mesmo na dificuldade de instruir (PEREIRA MELO, 2002). Como forma de tornar essa tarefa compensadora, o filósofo defende que seja realizada sempre com amor.

Esse amor se expressa no olhar com os educandos, através de uma afetividade que os considera dignos e merecedores de trilharem o caminho do conhecimento. Ao lidar com os problemas cotidianos típicos da escola com amor, o professor mantém a serenidade e a alegria em atuar.

Santo Agostinho chama atenção para o conceito de caridade e de amor cristão para justificar a necessidade da presença desses elementos na prática educativa (SOLIMEO, 2009). Sem eles a instrução torna-se vazia de sentidos e os discípulos não conseguirão atingir

o que deles é esperado. Assim, os mestres devem amar seus discípulos assim como Deus ama aos homens.

De fato, o amor ao próximo é importante na busca de uma sociedade em que o respeito, a caridade e a compaixão tragam mais harmonia entre os homens, reduzindo as desigualdades e a competição desnecessária. O amor fraterno deve então ser vivenciado na experiência educativa, seja do lado professor, mas também do aluno.

Reforça-se assim a importância do que é vivenciado na escola enquanto uma das instâncias sociais a que o aluno tem acesso. Assim como a família, a igreja e os demais entes, a escola deve ser um local onde os princípios universais sejam vivenciados, para que sejam efetivamente internalizados.

Essa trajetória educativa baseada no amor seria, para Agostinho, a única forma de se atingir a beatitude, uma vez que o amor a Deus acima de todas as coisas seria refletido no amor a todas as criaturas, uma condição inalienável para fruir da verdade eterna e da verdadeira felicidade ou bem aventurança expressa no conceito de beatitude (SOUZA, 2013).

Essa proposta traz à tona as questões ligadas à importância da afetividade no processo educativo e seu impacto nos resultados esperados. Autores como Henry Wallon estudaram o tema e validam a relevância desse aspecto, principalmente no estabelecimento do vínculo mestre-discípulo e trazendo sentido para a aprendizagem.

2.4.5 A Atualidade Agostiniana em Edgar Morin

No livro *Os sete Saberes Necessários à Educação do Futuro* (2010), Edgar Morin, antropólogo, filósofo e sociólogo francês reflete sobre conhecimentos, que apesar de fundamentais, segundo ele são negligenciados pela escola e por isso representam “buracos negros”. Para ele tais saberes deveriam ocupar lugar central nas preocupações. Essas concepções defendidas pelo autor se aproximam muito dos ensinamentos de Santo Agostinho, ao preocupar-se com a integralidade do homem em meio à complexidade do mundo.

O primeiro é sobre as cegueiras do conhecimento – o erro e a ilusão: deve-se valorizar o erro enquanto instrumento de aprendizagem, pois não se conhece algo sem primeiro cair nos equívocos ou nas ilusões. Para Morin, Todo conhecimento está sujeito ao erro e à ilusão; ambos estão presentes na mente humana desde os primórdios da humanidade. O maior erro seria subestimar-los considerando-os inexistentes, pois, estão arraigados na percepção do homem e não é fácil identifica-los, uma vez que, podem facilmente passarem como verdade. Para Morin é impressionante que a educação, que deveria transmitir o

conhecimento, ou aproximar o conhecimento, seja cega em relação a ele e não anseie por conhecer o verdadeiro conhecimento. Esse conhecimento na visão agostiniana esta ligada diretamente a Deus.

Morin elenca o conhecimento como o primeiro saber e ressalta ainda fatores que influenciam o conhecimento, como convicções políticas diferenças culturais, sociais e de origem, que implicam também em tradições diferentes. Agostinho aborda a questão do conhecimento, também chamando a atenção para a sua limitação no campo da ciência.

O segundo saber, Morin chama de conhecimento pertinente, e justifica sua centralidade nas preocupações no contexto educacional porque a realidade não se comporta de maneira fragmentada, os fatos e fenômenos contextualizados são complexos e as disciplinas isoladas muitas vezes são insuficientes para a sua leitura e/ou explicação. Para Santo Agostinho esse conhecimento pertinente poderia ser classificado como sabedoria em oposição à simples categorização muitas vezes construída por algumas áreas da ciência.

A identidade humana como terceiro saber indispensável é invocada para justificar que a complexidade humana exige o entendimento de nossa essência, evitando-se assim o olhar em relação ao outro como diferente ou inferior. Tal conhecimento é fundamental em uma época onde os conflitos humanos são baseados no enfrentamento das diferenças no sentido de homogeneização e aniquilação. Nesse sentido, Morin alerta que existem elementos alheios às ciências formais, constituintes das identidades individuais e coletivas necessários para entender a essência humana. Esse é um dos saberes mais complexos e provavelmente aquele que se encontra mais afastado dos muros da escola. A filosofia agostiniana valoriza essa abordagem, ao defender que os homens olhem para dentro de si para que encontre a verdadeira verdade, expressa no amor a Deus e ao próximo.

Morin enumera a compreensão humana como o quarto saber indispensável e estabelece uma contraposição ao individualismo e a rejeição ao próximo. A compreensão sobre a complexidade humana requer o exercício de se colocar no lugar do outro, como também de compreender a si mesmo. Um aspecto relevante da incompreensão é a indiferença, que vem se tornando um grande problema na nossa sociedade, impedindo as pessoas de perceberem o que se passa seu redor. Para Santo Agostinho não é possível amar a Deus sem amar a tudo que Ele criou, sendo a compreensão humana uma faceta desse amor.

O quinto saber, indica a urgência de enfrentar as incertezas, que parte da certeza da existência de dúvidas na trajetória humana, pois, apesar de todo o progresso da Humanidade, não é possível, ainda, predizer o futuro, uma região nada previsível, a qual desafia constantemente o Homem. Agostinho antes de sua conversão ao cristianismo vivia no

mundo de incerteza segundo o mesmo no livro *As Confissões*. Para ele, a vida de incertezas deixou de existir a partir do momento que teve um encontro com Deus.

Na trajetória de vida do homem Agostinho propõe que o mesmo deve buscar sempre o conhecimento, tanto interior quanto no ser supremo para compreender seu verdadeiro caminho.

A condição planetária, sexto saber, é fundamental para que se tenha a noção do todo. Nosso ensino de base cartesiana impossibilita aos indivíduos perceberem a totalidade das relações naturais, políticas e sociais, e sua interligação com as pessoais. As sucessivas categorizações das disciplinas escolares transformam o entendimento do mundo em algo parcial e nem mesmo a interdisciplinaridade, a transdisciplinaridade, o trabalho a partir de problemas e projetos, tem conseguido dar conta de permitir essa consciência planetária. Agostinho possibilita uma reflexão sobre esse tema ao abordar a unidade de Deus sobre todas as coisas. Por serem criadas por Deus todas as coisas devem ser vistas dentro de um conjunto que funciona como uma engrenagem, onde o homem faz parte desse todo.

Por fim, Morin conclui com o sétimo saber, a antro-ética, e tenta construir o entendimento de que a democracia deve fazer parte de uma visão planetária, superando a visão de cada país como uma democracia individual em direção a democracia como princípio supra continental. Ou seja, o sétimo saber é a ética do gênero humano, correspondente à antro-ética, a qual defende que não devemos querer para outrem aquilo que não desejamos para nós mesmos, como já pregava Jesus Cristo.

Essa mentalidade exige que a escola apresente a ética como um balizador das relações e a própria democracia como conhecimento globalizado. Os alunos precisam aprender a ser éticos com todos os seres humanos, e não apenas com “os seus”. Para Santo Agostinho a ética é uma verdade universal para a qual o homem se aproxima, ao se aproximar de Deus.

3 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Partindo do objetivo principal de entender quais as contribuições do pensamento de Santo Agostinho para a educação na atualidade, o presente trabalho se preocupou em construir um panorama que contemplou aspectos históricos da biografia do autor, de sua produção e de suas principais teses.

Inicialmente se observa que o contexto em que viveu Santo Agostinho era de grande mudança cultural, social e política, com a decadência do Império Romano e Ascensão

da Igreja Católica. Essa realidade de mudança de paradigma onde a hegemonia cristã passou a se fortalecer impactou diretamente o pensamento agostiniano, que durante toda a sua vida esteve em reflexão sobre Deus e sobre a relação dos homens com a transcendentalidade.

A obra do filósofo mostra essa trajetória de autoconhecimento, que nunca esteve passiva aos acontecimentos, com questionamentos sobre a própria fé e a revisão de conceitos elaborados em diferentes épocas. Apesar disso, a obra agostiniana quando colocada em perspectiva, demonstra o exemplo a ser seguido na busca pela proximidade com valores universais, sobretudo o amor.

Na educação, Santo Agostinho mostra um caminho pautado pela busca do conhecimento interior, que para ele era o mais relevante, por ser sagrado. Nesse sentido, Deus, como verdadeiro mestre, possibilita a todos que resgatem a sabedoria universal guardada dentro de si. Tal sabedoria representa a potencialidade de desenvolvimento dada aos sujeitos para que abstraíam as categorias universais, ordenem seu raciocínio e construam juízos retamente ordenados, sendo agraciados pela graça divina. Pela dificuldade em se atingir essas potencialidades, são necessários mestres terrenos ou professores, que possam mediar essa aprendizagem.

A mediação é um conceito atual, que é possível resgatar na obra agostiniana, em contraposição à simples transmissão de conhecimento. Aos educadores cabe a busca por estratégias que auxiliem na reflexão e no raciocínio de seus alunos, para que possam reconstruir as hipóteses sobre os fenômenos e sobre si mesmos. Busca-se assim derrubar o mito de que o professor ensina e o aluno aprende de forma direta.

Outro conceito atual é o de adequação de estratégias metodológicas para possibilitar a aprendizagem dos alunos. O professor é o mestre que já está mais próximo da sabedoria descrita por Agostinho, mas que precisa encontrar meios de torná-la acessível aos demais humanos. Para isso é importante que tenha disciplina e que nunca pare de estudar, levando a outro conceito educacional importante: o da educação continuada.

Mas sem dúvida, conclui-se que a atualidade de Santo Agostinho é expressa de maneira mais viva e urgente na relação da educação com o mundo que a cerca, sobretudo sobre seus objetivos. Observa-se que a educação tem sido instrumento de disputas como campo de progresso material para o homem há muito tempo. Esse cenário tem atingido níveis extremamente preocupantes, com o aumento da concentração de renda e da pobreza.

Questões como fome e guerras estão muito longe de ser resolvidas pela falta de amor fraternal entre os homens, o que tem encontrado respaldo na educação dos dias atuais, voltada para a competição. Para a filosofia agostiniana, o amor entre os homens é parte

fundamental para que se alcance a transcendentalidade, uma vez que os homens são criados por Deus e, portanto, quem o ama deve amar a todos os homens.

Essa reflexão encontra total ligação com a obra de Edgar Morin, ao defender os mesmos valores universais como a solidariedade, a empatia, o amor, o respeito e a autorreflexão como saberes necessários para a educação em nossos dias. Para além da materialidade e da educação como parte de uma engrenagem econômica, a escola deve servir para possibilitar aos homens que se tornem indivíduos conscientes, tolerantes, éticos e solidários.

Obviamente que essa conclusão também se direciona para o comportamento dos educadores, que devem vivenciar esses valores em sala de aula. Dessa forma eles poderão ser realmente internalizados. Conclui-se, portanto, na atualidade e urgência da obra agostiniana para que a educação assuma papel de mudança do paradigma das relações entre os homens, e destes com o mundo.

Nos limites do presente trabalho não foi possível abordar o que pensam os educadores atuantes em salas de aula sobre essas questões, sendo um caminho para trabalhos futuros.

REFERÊNCIAS

SANTO AGOSTINHO. **A Instrução dos Catecúmenos**: teoria e prática da catequese. 2. ed. Petrópolis: Editora Vozes, 2005

_____. **Confissões**. São Paulo: Paulus, 2010.

_____. **Confissões**. Editora Vozes Limitada, 31 de jul de 2017.

_____. **O Livre-arbítrio**. São Paulo: Paulus, 1995.

_____. **O Mestre**. São Paulo: Paulus, 2008.

_____. **Solilóquios & A vida feliz**. São Paulo: Paulus, 1998.

_____. **Sobre a potencialidade da alma**. Petrópolis: Vozes, 1997.

FERNANDES, M. I. A.. **Interioridade e conhecimento em Agostinho de Hipona**. Dissertação (Mestrado) - PUCSP, São Paulo, 104 f. 2013.

SIGMUND FREUD, **Freud e a educação**: o mestre do impossível. São Paulo, SP: Ed. Scipione, 2005.

GILSON, E. **Introdução ao estudo de Santo Agostinho**. São Paulo: Paulus, 2006.

MORIN, Edgar. **Os setes saberes necessários à educação do futuro**. Tradução de Catarina Eleonora F. Silva e Jeanne Sawaya. São Paulo: Cortez, 2000.

PEREIRA MELO, J. J. **A educação em Santo Agostinho**. In: OLIVEIRA, T. (Org.). Luzes sobre a Idade Média. Maringá: EDUEM, 2002.

PEREIRA MELO, J. J.. **Santo Agostinho e a educação como um fenômeno divino**. Educação e Filosofia Uberlândia, v. 24, n. 48, p. 409-434, jul/dez 2010.

SOLIMEO, G. A. **Santo Agostinho**: sua época, sua vida, sua obra. São Paulo: Petrus, 2009.

SOUZA, Mariana Rossetto de. **Santo Agostinho e a educação**: a caminhada do homem em busca do mestre. Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual de Maringá. Maringá, 131 f. 2013.